



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemónio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palma; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Azulay;—*A litteratura moderna*, por D. Guiomar Torrezão;—*Morte de um anjo*, conto, por D. Adelaide Samora de Almeida;—*O Castro da «Lança»*, por Marques Gomes;—*Balada à lua*, versos, trad. de Assis de Carvalho;—*Os livros desfeitos*, conto, trad. de Castor;—*As nossas gravuras*;—*Em familia* (passatempo);—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*O pequeno Joaquim*, conto, por Jo. e Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Frederico Ferreira Pinto*;—*Ferreira d'Almeida*;—*Francisco José Machado*;—*Lyão*;—*O príncipe de Galles*;—*Modas*;—*O parque vaccinogenico de Lisboa*.

dade de Ulysses recebe pela terceira vez a visita da Patti, que vem expressamente de Madrid cantar n'um beneficio, deixando desesperado um barão, director do Real Theatro de Madrid, que a desejava cobrir de *bank*

CHRONICA

Alguns compatriotas nossos que se acham no estrangeiro, descrevem melancolicamente o frio siberiano que regela Paris, e os caprichosos rendilhados de neve que adornam por toda a parte as estatuas, as arestas dos monumentos, os domos, como se uma fada intangivel se deliciasse a cobrir a grande cidade peccadora com um véo phantastico.

Os estrangeiros que teem visto Lisboa, sentem com saudade a ausencia d'este sol peninsular de uma claridade deslumbradora que nenhum nevoeiro apaga, e affirmam que trocariam de bom grado os esplendores das côrtes poderosas pela quietude romantica da nossa capital, onde ha serenas noites de luar em que o Reaumur marca dez graus, e os Romeus, nas ruas solitarias, gargarejam para as Julietas, debruçadas *en sus balcones*, ao som dolente de uma guitarra que passa ao longe ou das notas rumorosas de um piano que discretamente esparge a Mandolinata.

Tudo isto se acreditava lá fóra mesmo depois da batalha das flores... Succede, porém, que a graciosa ci-



FRANCISCO FERREIRA PINTO

notes por duas recitas mais, e equiparando-nos de um salto a Paris e Londres, onde a gentil artista costuma fazer essas bonitas cousas a pedido de uma sociedade que conta entre os seus membros os primeiros nomes da Europa.

Mas é que ella, alma de artista e de mulher, sentiu-se bem n'esta atmospheria pacata, serena e doce, onde o culto da escola italiana imprime um langor poetico, desconhecido do turbilhão dos grandes centros. Ella encontrou que, tudo respira aqui sentimento e tradição, tudo se approxima de Italia, e conheceu-se emocionada d'essa vaga poesia que sentimos quando vamos da cidade para a aldeia, e vemos que é ingenuo o que nos cerca, mas não artificial. E tornamo-nos insensivelmente bons e generosos, enlevados na mysteriosa attracção do que é simples.

Tal foi, de certo, o sentimento secreto de prazer que levou a diva a annuir galhardamente ao convite. S ria-lhe isto aqui ao fino coração de artista e de mulher. Tinha admiradores e velhos amigos, ella e Nicolini. E foi, devemos crel-o, com uma alegria infantil que ambos fôram jantar desprezenciosamente á modesta casa do mais amavel, do mais espirituoso dos nossos litteratos, a casa de Julio Cesar Machado, o velho amigo de todos os cantores celebres que ha trinta annos teem passado em S. Carlos.

Um artista ha de ser sempre artista, e se em longos haustos se embriaga do perfume entontecedor da gloria, que para elle é a vida do espirito, tem sempre no fundo do coração um cantinho reservado para o sentimento.

Vir a Portugal, terra de amigos, de sol, de luz e flores, cantar em beneficio das creches, eis uma bella cousa, que só uma grande artista, como a Patti, pôde comprehender.

E por isso ella veio. E teve, espontaneas e delicadas, as manifestações mais risonhas, desde a caleche tirada á Daumont, offerecida por um novo titular, até á continencia militar da guarda urbana, no intercolumnario do theatro normal.

Para onde vae ella agora, a graciosa philomela? Para os paizes do ouro, para a joven America, onde ha a opulencia da côr e do som. Vae soltar o ultimo canto, do cysne, no paiz das florestas, onde tudo é grande e poderoso como o seu genio artistico. Ella escolhe a America—um mundo, para lhe ouvir a ultima nota. Singular grandeza, a d'esta mulher!

Conjunctamente com o acontecimento do mundo lyrico, que encheu de gloria os annos de S. Carlos, e nos habilitou a figurar nas revistas estrangeiras, abraçados ao renome d'essa incomparavel fascinadora da voz, um outro facto houve, que contribuiu decerto para dar a Lisboa os fóros de uma cidade que se presa, sob o ponto de vista da moda. Fallamos do duello; e não dizemos, com essa ligeireza sceptica do chronista dos grandes centros onde ha vinte salas d'armas e sujeitos sempre a caminho do bosque, sobraçando a caixa das pistolas—o ultimo duello; porque, mercê de Deus, elles ainda são raros: mas quando Lisboa estiver rodeada de parques e bosques, quando nas suas longas avenidas rolarem os *huit ressorts* dos seus futuros millionarios, cujos palacios e bancos já se erguem por ahi, quando, por detraz dos trintanarios correctos, apparecerem, emergindo das almofadas, as cabeças adoraveis das mundanas tentadoras, quando a cidade tiver um milhão de habitantes jorrados ás golphadas pela provincia ambiciosa e pelo estrangeiro aventureiro, quando se abrirem por noite vinte salões em Lisboa e esfusiar a intriga com todas as subtis perfidias femininas, quando estrondearem as aventuras galantes e quando a politica, a alta e baixa de fundos, as artes e as letras encontrarem, no seu impulso de expansão, um attrito, e esse attrito fôr um homem, necessariamente hão de sair as espadas das bainhas.

O supremo egoismo humano, tanta mais intenso, quanto é largo—incommensuravelmente largo—o ocea-

no das paixões, não conhece outra lei senão o despotismo da força e do interesse. Ha quem resista? Mata-se. Isto, dourado convenientemente pelas rasões da honra, da bravura e do convencionalismo social.

E' bello, chega a ser grande e nobre por ser terrivel, ver um homem expor a sua vida n'um duello—a serio. Cortar com um fio d'espada todo o esplendor da existencia, todos os carinhos que elle pôde dar e receber, todas as empresas que elle pôde fomentar, talvez o futuro do seu paiz que poderia, sendo um genio, salvar de uma ruina, ou lançar na mais deslumbradora prosperidade.

O duello, como o suicidio, é pois um egoismo. Ninguém pôde dispor da sua vida: ella pertence á sociedade. A questão é complexa, bem o sabemos. Casos ha em que o duello, não sendo permit'ido, isto é, não sendo legal, porque é um attentado contra a egualdade e democracia da lei, é desculpavel e tolerado.

Ha affrontas, que ficariam deslocadas, sendo liquidadas no tribunal. E' então que se reclama toda a poesia do bosque, o orvalho matutino, a cara consternada dos padrinhos, o olho attento dos medicos, e bons coupés de praça para escapar á policia, que aliás chega sempre *trop tard*, como os carabineiros de Offenbach.

O duello futil, porém, o duello dispensavel, é que é absurdo e devia ser corrido para bem longe dos nossos costumes poeticamente patriarchaes.

Os portuguezes teem a imaginação viva e uma pontinha de lingua, questão de raça e de clima; se a deusa da moda divulga o duello politico, não sabemos onde iremos parar, porque é necessariamente a santissima politica a nossa paixão predominante, o vicio nacional, a prenda que possuem em alto grau todos os nossos *gros bonnets*.

Tudo se move pela politica—tudo, desde o nascimento á morte. Vem n'uma condeça de França... não é preciso dizer o que, e logo os paes do futuro membro da camara solicitam do presidente do conselho a honra de ser seu padrinho. Toda a gentil donzella, orgulho dos salões dourados e anjo tutelar da caridade patricia, abriga no cantinho do seu coração de pomba, a ambição de ser esposa de um ministro d'estado. Morre-se, e desgraçado d'aquelle que não fôr conselheiro e não levar uma berlinda da casa real.

Como se vê, senhores, o perigo é grande. Metade da nação—que tanto são os nossos politicos—corre em risco de pegar em armas e acutilar-se mutuamente. Será então o fim de tudo.

Tudo isto de extraordinario que se passa, vae ainda ser coroado pela vinda da sublime tragica franceza, Sarah Benhardt.

Os finos amadores da arte em todo o seu esplendor, vão deliciar-se com a interpretação surprehendente d'essa grande magra, para todos os cambiantes da dôr e do sentimento.

Ella traz, a extraordinaria actriz, como seu secretario, um jornalista portuguez, o sr. Mariano Pina, certamente um seu entusiasta, que vem fazer as honras da casa.

Depois do Cequelin, a Sarah, e depois... o que trará o Pina?

Taes são os factos palpantes que taem commovido o nosso pequenino mundo lisbonense e feito as delicias dos *five o'clock tea*. Deixamos para os jornaes pesados e massudos, a critica aspera como um vendaval, ácerca dos adiamentos successivos do processo de Marinho da Cruz, que ameaça dar n'um enormissimo escandalo; a descripção dos animaes sabios que teem deslumbrado os

babies nas alegres *matinées* do Colyseu, e os annuncios de borrasca cyclonica, com que o astronomico Noherlesoom (um nome muito feio) se tem divertido a pregar um susto tremendo a todos... os que o acreditam.

AZULAY.

A LITTERATURA MODERNA

A litteratura franceza atravessa n'este momento um periodo de dolorosa incerteza, que é como que o reflexo symptomatico da crise de nervosismo cerebral, de que ella é o producto doentio.

Ao longo de todos esses romances com que a França alimenta a fome e sede mental de milhões de leitores, disseminados por todos os paizes do globo; nas paginas d'esses livros que se publicam todos os dias, que se multiplicam com uma assombrosa fecundidade de concepção, de um a outro extremo da França, sente-se a surda derrocada de um mundo que se subverte, sem que das cinzas de tudo que mais amamos, que constituiu o ideal do nosso espirito e o segredo de mysteriosa fé que illuminava a nossa alma, surja outro mundo aperfeiçoado, outra ordem de idéas, de crenças, de aspirações, susceptivel de encher o medonho vacuo que cada um de nós, pobres descendentes espurios da Renascença a que succedeu a Decadencia com o seu baixo nivel artificial e caracteristico, sente abrir-se, cada vez mais fundo, no intimo do coração.

O exito do artista moderno mede-se pelo numero de victimas, vulgo leitores, cuja alma, mais ou menos impressionavel, elle consiga entoxicar, corrompendo-a por meio das suas theorias dissolventes, envenenando-a lentamente com o seu pessimismo elegante, perfumado a heliotropo, mil vezes mais funesto e mais terrivel nos seus effeitos deleterios do que todos os funebres paradoxos de Jacopo Ortis e de mein herr Schopenhauer.

Acima de todas as formulas litterarias, de todos os processos, de todas as escolas, paira, como um monstruoso ideal a que está subordinada toda a obra moderna, o quadro de Goia: Um morto, estendendo a mão exangue sobre a palavra *nada!*

A paixão humana, que vibrava outr'ora na lyra dos poetas, arrancando-lhe a divina eloquencia das lagrimas, a eloquencia genial das ternuras extaticas, presas á terra pelo elo de dois corações estreitamente enlaçados, suspensas do céu pela aza da musa coroada de immarcessiveis flôres; a paixão perdeu a sua essencia superior, que lhe poetisava os desvarios, que era como que a agua lustral das maculas terrenas, e desceu das regiões transcendentales do pensamento até á enfermaria, onde são classificados os casos pathologicos.

As mulheres que synthetizam a alma feminina nos modernos romances de Zola, de Mirbeau, de Maizeroy, de Burget, de Catulle, de Maupassant, são creaturas hibridas, pervertidas até á medula dos ossos, não conhecendo a sensibilidade senão pela suggestão do instincto, e nutrido, ácerca do seu natural destino, em um mundo apenas creado para a satisfação animal dos sentidos, disfarçada sob o involucre da refinada elegancia, da volupia embriagadora, da sensualidade moderna, a indiferença esteril e a indolencia morbida de que falla o Dante, que não é digna nem do céu nem do inferno.

Escreveu o sr. Luciano Cordeiro, em um dos seus admiraveis estudos criticos:

«O homem de hoje é Fausto a ancia, é Hamlet a indecisão, é D. Juan o cynismo.»

Mas é precisamente no extremo opposto que se acha collocado o homem actual, ou por outra, é ahí que pretendem collocar aquelles que lhe roubam despidosamente todos os viris enthusiasmos, onde por ventura se origina a ancia de Fausto rejuvenescido ao duplo influxo do amor e da mocidade, todas as fecundas curiosidades mentaes em que se embrenha a fantasia de Hamlet, e até mesmo todas as revoltas d'um temperamento subversivo, d'imaginação desregrada, d'um egoismo sentimentalmente feroz, que faz do D. João legendario um cynico.

O homem de hoje, pelo menos tal qual o naturalismo nol-o apresenta, não aneia, não analisa, não prevarica.

Elle é apenas o docil escravo impotente do vicio que o governa, do sordido interesse que o orienta, e da passiva e gelida indiferença que o reduz, pela atonia de todas as suas faculdades affectivas, de todas as suas sensibilidades extinctas, de toda a sua alma narcotizada e silenciosa, á simples qualidade de automatico, que representa no grande drama da vida um papel, pouco mais ou menos identico ao de um titere.

A mulher, emancipada pelo christianismo da odiosa e deprimemente tutela da idade media, baptisada pela sciencia em nome

da civilização, a mulher, a despeito do prismático colorido em que a envolvem os modernos Ticianos, accendendo-lhe no fundo do olhar enigmatico a scintilla que deslumbra, imprimindo-lhe na bôca ironica o sorriso que perturba, pondo-lhe na espadua olympica a curva hellenica e desdobrando-lhe em ondas o cabelo setinoso; a mulher, repito, embora sob um outro aspecto, é mais do que nunca, na obra dos novos e dos modernos, a femea primitiva, a *bête*, que não tem na vida senão um unico ideal,—o goso, que não obedece senão a um só agente, a que está fatalmente vinculado o seu organismo, o instincto carnal, que não procede senão em harmonia com uma suprema preocupação,—o interesse.

A repulsão que se nos transmite, ao analysarmos o mutilado coração que se occulta sob uma epiderme de lyrios, é semelhante aquella que desperta em nós o fundo de um pantano, á superficie do qual florescesse, em toda a sua immaculada alvura, uma rosa branca.

Essa sensação de horror não concorre de certo para elevar o prestigio da mulher, para aperfeiçoar, pelo ineffavel imperio do amor que tudo aformoseia e purifica, a alma do homem, nem é de certo ella a base por meio da qual a sociedade corrigirá os seus erros, e a familia, fortalecida pela fusão de todos os affectos humanos, readquirirá o seu abençoado predomínio.

Li, ha dias, o romance *Les mensonges* de Paul Burget, um dos livros que todo o Paris acabou de ler e que a França ainda não acabou de discutir.

N'essa obra de analyse moderna, o author colloca-nos ante o velho problema do adulterio, que nem sequer tem como atenuante um d'esses fataes amores irresistiveis, que tudo dominam e arrastam.

A mulher, a femea, entrega-se ao homem que a ama por um simples capricho da sua natureza de elegante viciosa, que procura no beijo prohibido o acre sabor de um fructo exotico, colhido em um momento de appetite insaciavel.

Deixando-se influenciar por uma parcialidade masculina, o romancista apresenta-nos o homem como ludibrio constante da mulher.

A parisiense que elle nos descreve com todo o fino e subtil colorido da sua palheta de miniaturista, é uma especie de Eva pagã, nos braços lascivos da qual os homens deixam as illusões, as esperanças, as esgotadas sensibilidades, a vida emfim.

Cedendo á avida cubiça do luxo, á nevrose da opulencia, que perturba e desvaira tantas cabeças femininas, mordida pela febre da ostentação, peculiar ás epochas de decadencia, esta mulher vende as suas caricias de bacchante a um banqueiro *viveur*, que ao cobrir de brilhantes o collo eburneo da amante, experimenta o mesmo sensual prazer de sybarita que lhe desperta a sua parelha cara, a sua principesca *garçonnière* e os seus opiparos menus, salgados a luizes de oiro, do Café Inglez.

Ao meio artificioso e impuro em que desabrochou essa flôr do mal, vae um poeta, um ingenuo sonhador, uma especie do André Roswal da *Dalila*, um pouco menos piegas do que o outro, mas com a dose de inexperiencia sufficiente para se deixar deslumbrar pelo fulgor de um Olympo de scenographia e para se deixar prender por uma divindade de pichisbeque.

Paulo Burget acha no verniz do seu estylo moderno deliciosas subtilezas, traços de uma graça ondeante e seductora, para pintar nos esse amor execravel de um homem moço e crente por uma mulher perdida.

A belleza lasciva e provocante d'essa mulher refulge de um estranho brilho deslumbrador, que offusca todas as maculas.

A sua linguagem mundana, polvilhada do agudo espirito parisiense, tem a a nota perturbante que vibra profundamente no ouvido de quem a escuta. Os seus attractivos de sereia encerram o encanto suggestivo que as honestas não possuem.

E quando o leitor incauto, partilhando a cegueira do poeta ingenuo, começa a tomar a serio a heroína de Burget, e sente que não tardará que a adore, o romancista, aproveitando habilmente o momento psychologico preparado pelo intenso poder descriptivo do seu talento, patenteia-nos em toda a sua repulsiva vacuidade o c ração d'essa Messalina da alta vida, onde existe apenas o calculo, o vicio e a mentira.

Mentira! eis a triste e desoladora conclusão de toda a obra de analyse moderna!

Mentira a belleza, mentira as illusões da credula e risonha mocidade, mentira a esperanza, unico refugio da nossa alma desflorida, mentira o amor, unica luz do céu que illuminava o sombrio caminho da terra!

Sempre o artificio, todo feito de apparencias enganadoras, cobrindo com um tapete de flôres o materialismo abjecto, onde a alma perde a sua essencia divina, esquecendo-se do paraizo de que proveio, para resvalar até aos pavorosos desesperos de um inferno sem esperanza!

E o livro *Mensonges* não é mais do que o pallido reflexo da obra de Zola, o audaz demolidor, que sem nos indicar, no futuro, a solução do nosso destino na terra, supprimiu com implacavel ferocidade todos os cultos do nosso passado!

GUIMAR TORREZÃO.

MORTE DE UM ANJO

Luizinha, a filha da rachadora de lenha da pequena aldeia de ***, era uma adorável creança de tres annos: tinha os cabellos louros e annelados, a cutis alvissima e rosada, uma boquinha encantadora guarnecida de pequeninas perolas, onde adejava sempre o mais alegre de todos os sorrisos, e uns olhos rasgados e negros tão expressivos e bondosos, que só por si realçavam aquella extraordinaria belleza.

Louca pela mãe, muitas vezes desprezava a companhia das outras pequeninas com quem poderia brincar, para ir com ella assistir aos seus trabalhos; mas a boa mulher, receiando que o caminho fosse demasiadamente longo para a filha, pedia-lhe que ficasse e empregava todas as diligencias possiveis para a deixar em casa de uma das suas velhas amigas. Então a pequenita respondia-lhe na sua vacillante linguagem de creança:

—Minha querida mãesinha, não tenhas cuidado, porque eu sou forte e posso acompanhar-te... depois, quero aprender como se racha a lenha, para te ajudar no que poder quando fôr mais crescida; por isso leva-me, sim? leva-me, não sejas má!

E Luiza, para conseguir da mãe o que desejava, estendia-lhe os bracinhos e formava da bocca um pequenino botão de rosa que a mãe colhia n'um beijo de verdadeira ternura maternal.

A pequenita era o enlevo da mãe. Nas horas de trabalho eram as phrases infantis da linda creança que lhe davam coragem e muitas vezes, debaixo das bagas de suor que inundavam a frente da pobre mulher via-se um meigo sorriso e nos olhos uma expressão de amor e de orgulho.

Assim viviam, relativamente felizes, quando um golpe bastante profundo veio ferir em pleno peito a mãe de Luiza.

A sua estremecida filhinha estava doente. Deitada sobre a enxerga, a meiga creança tinha as faces descoradas como as petalas de uma camelia branca, os seus olhos out'ora tão vivos e alegres, estavam cerrados e um circulo escuro contornava-lhe as palpebras. De quando em quando, os labios agitavam-se e deixavam passar a deliciosa melodia d'estas duas palavras:—minha mãe!... Depois, voltava a cabir no mesmo lethargo e o silencio da cabana era então apenas interrompido pelos soluços da pobre mulher, que a todo o instante julgava ouvir o ultimo suspiro da sua querida filha.

Decorreram tres dias.

Ao quarto, Luiza apresentava algumas melhoras: a febre tinha diminuido. Brincou todo o dia e conversou muito com a mãe; chegou mesmo a pedir para se levantar, mas não o conseguiu. Aquellas melhoras eram apparentes: Luiza estava ainda bastante mal.

Mas—caso singular!—durante todo o tempo em que fallára, aquella creança tão meiga e tão boa tivera uma conversação realmente extraordinaria.

Notando que a mãe tinha os olhos chorosos, perguntou-lhe:

—A mãe chorou?...

—Eu, filha?!... Estás louquinha... porque havia eu de chorar?...

—Não sejas assim, mãe; tu imaginas que eu vou morrer e tens pena, não é verdade?

—Que idéa a tua, minha flor!... — respondeu a pobre mãe, tentando a custo disfarçar as lagrimas mal reprimidas que lhe borbulhavam nos olhos.

—Olha, minha mãe, dize-me uma cousa: quando as meninas pequeninas morrem, para onde é que vão?

—Vão para o céu, meu amorsinho...

—E o que é o céu?

—O céu é a habitação de Nosso Senhor...

—Então a gente quando morre vai ver o Pae do Céu?

—Vae, sim, minha filha...

—E pode-lhe fallar?

—Pode, sim...

—Então não chores, minha mãe: se eu morrer, logo que estiver no céu, hei de pedir a Nosso Senhor que te leve para junto de mim e lá sempre viveremos melhor do que vivemos aqui.

Estas palavras, ditas com tanta meiguice quanta pode conter o coração de uma creança, commoveram a pobre mãe a ponto de não poder dominar-se mais: beijou a pequenita, pediu-lhe que socegasse, conchegou-lhe a roupa e sahio do quarto para dar largas à sua dôr.

Luiza passou peor durante toda a noite: respirava com muito custo, a febre escaldava-a com mais intensidade do que até então e o seu corpinho agitava-se convulsivamente; tinha os pés muito frios e os labios crestados e sem côr.

De subito, como se tivesse recebido o choque de uma pilha, abriu os olhos, revirou-os extraordinariamente, soltou um gemido e ficou immovel sobre a enxerga.

N'aquella noite de agosto a lua deslisava pelo céu, banhando com essa luz pallida e suave a ramaria das arvores que se desenhavam phantasticamente pela superficie dos campos.

No momento em que Luiza acabava de expirar, atravessou o espaço, em direcção ao céu, uma especie de sombra branca, levando nos braços uma creança adormecida. Era o anjo da guarda que conduzia para junto de Deus a alma da pobre pequenita, rompendo, com as suas azas candidas, o ar, em que deixava um longo rasto luminoso de estrellas, emquanto lá em baixo, no fundo do valle, abandonada no lugubre silencio da cabana, a pobre rachadora de lenha estreitava contra o peito o cadaver ainda morno da sua querida filha e chorava, perdidamente, no desolamento infinito das grandes dôres...

Lisboa, 1883.

ADELAIDE SAMORA DE ALMEIDA.

O CASTRO DA „LANÇA„

Foi um dos mais esforçados paladinos do nosso jornalismo de ha quarenta e tantos annos, e apesar d'isso, o seu nome tem-se ido por tal forma obliterando na memoria dos que o conheceram, que só de muitos poucos é hoje lembrado.

Joaquim da Fonseca da Silva e Castro era quasi só conhecido pelo *Castro da Lança*; e a rasão d'isto dá-a José Estevão no pequeno mas eloquente artigo com que na *Revolução de Setembro* pranteou a sua morte, e de que vamos transcrever algumas linhas:

«O sr. Joaquim da Fonseca da Silva e Castro foi d'estes homens que, no começo de uma lucta politica, alcançam logo as phases porque ella tem de correr, e se dispõem a segui-la com proposito de combater até á derrota ou á victoria, sem desanimar com os revezes, nem confundir os recontros com as acções decisivas.

O nome do sr. Castro apparece á frente da resistencia levantada em 1840 contra a reacção, a que serviram de pretexto alguns pequenos tumultos, que podiam acaso desculpar medidas repressivas, mas que não auctorisavam a entrega de todas as liberdades publicas ao furor tonto d'uma côrte imbecil.

O sr. Castro soccorreu-se então da imprensa, e fez um tão nctavel ensaio de jornalista que o publico ajuntou ao seu nome o da sua folha e assim os honrou até hoje com a sua lembrança e com as suas saudades.»

Silva e Castro nasceu em 1814, na modesta aldeia de Frende, concelho de Baião, e teve por paes uns honrados lavradores do sitio, que, pondo n'elle as suas melhores esperanças, o destinaram desde os primeiros annos á vida ecclesiastica, que era então o sonho dourado de muitas familias. Recebeu na sua aldeia os primeiros rudimentos da instrucção, no que teve por mestre o parcho da freguezia e seu padrinho de baptismo, o reverendo Alvaro Pinto da Fonseca, que, reconhecendo-lhe talento e aptidão para a vida claustral, o fez admittir em 1827 nos Congregados do Oratorio, do Porto. Ahí esteve e estudou, com largo aproveitamento, durante alguns annos; mas, manifestando idéas rasgadamente liberaes, foi expulso do convento, sob o pretexto de *pedreiro livre*. O então bispo da diocese, D. João de Magalhães e Avellar, mandou-o absolver pelos religiosos de um convento qualquer, mas ignoramos se Silva e Castro voltou para o convento ou se secularizou, pois esta parte da sua vida é obscura.

Silva e Castro, que em 1836 era professor de ensino primario em Villa do Conde, alcançou do primeiro ministerio setembrista a nomeação de administrador do mesmo concelho. Relacionando-se com os irmãos Passos, obteve depois, por intermedio d'elles, o logar de secretario da administração geral do districto de Vianna, de que foi exonerado em 1838.

Chamado aos conselhos da corôa o barão de Ribeira de Sabrosa, foi Silva e Castro, em 18 d'abril de 1839, nomeado escrivão deputado da Junta de fazenda dos Estados da India, logar que exerceu só emquanto durou a situação politica que o havia nomeado.

Ao ministerio Sabrosa succedeu o primeiro ministerio ordeiro, presidido pelo conde de Bomfim, e de que faziam parte Rodrigo da Fonseca Magalhães e Antonio Bernardo da Costa Cabral.

Referindo-se a este ministerio, escreve Freitas e Oliveira, no capitulo XIV do seu livro *José Estevão, esboço historico*:—«Com a sahida do barão de Ribeira de Sabrosa, houve uma serie de ministerios, que uns duraram dias, outros semanas, e poucos chegaram a conservar-se um mez no poder, até que foi chamado para a pasta do reino Rodrigo da Fonseca Magalhães, e para a da justiça o sr. Antonio Bernardo da Costa Cabral.»—Esta é uma das muitas inexactidões de que está cheia aquella obra: o ministerio Ribeira de Sabrosa, demittindo-se em 26 de novembro de 1839, n'esse mesmo dia foi substituido por aquelle de que faziam parte

os dois referidos estadistas, e que se conservou no poder até 9 de junho de 1841, em que se demittiu.

Foi violenta a opposição que, immediatamente á sua subida ao poder, teve o novo ministerio, tanto no parlamento como na imprensa, por parte dos setembristas mais avançados.

Chegado o dia do julgamento, Silva e Castro não quiz advogado, e defendeu-se elle proprio, valendo-lhe a defesa brilhantissima, que então fez, a absolvição plena do jury.

A *Lança*, voltando a publicar-se, continuou a sahir até ao n.º 25, em que suspendeu, para dar logar á *Revolução de Setembro*,



FERREIRA D'ALMEIDA



FRANCISCO JOSÉ MACHADO

Em janeiro de 1840 veio enfileirar-se com os jornaes opposicionistas um novo campeão, que desde logo conquistou immensa popularidade, pela vehemencia da sua linguagem e desassombro com que apreciava os actos da nova situação. Este jornal foi a

cujo primeiro numero appareceu em 22 de junho de 1840. Os dois ultimos numeros da *Lança* contêm o programma politico d'aquelle jornal, programma escripto por José Estevão. O motivo da aproximação do notavel tribuno com Silva e Castro e o



LYÃO

Lança. O seu redactor principal e unico era Silva e Castro, sendo menos verdade o que então se affirmou de Ribeira de Sabrosa n'elle collaborar tambem. O governo fez processar a *Lança*, sendo por isso trancaça e sequestrada a imprensa, e preso o seu redactor, que era tambem editor responsavel.

inicio da amizade jamais desmentida que existiu entre elles, foi a transcripção que do *Athleta* do Porto fez a *Lança*, do celebre folhetim de José Estevão, *O baptisado do ministerio*, e que, segundo nos parece, foi o unico que elle em toda a sua vida escreveu. Silva e Castro entrou logo como collaborador para a *Revolu-*

ção de Setembro, e foi o seu primeiro editor responsável; deixou de o ser por ficar implicado na revolta de 11 d'agosto de 1840, e como tal ter sido encarcerado no Castello de S. Jorge.

Contra o ministerio Bomfim conspirava se abertamente; e n'uma casa da Travessa do Sacramento, em que habitavam então os deputados setembristas José Estevão e Mendes Leite, havia reuniões amiudadas, com o fim de se levar a effeito uma revolução na capital, que o obrigasse a deixar o poder. Além dos donos da casa, deviam entrar na revolução José Gerardo Ferreira Passos, então coronel de artilheria, Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro, Manuel de Jesus Coelho, Leonel Tavares Cabral, França, Silva e Castro, e muitos outros, entrando n'este numero não poucos officiaes dos diferentes corpos da capital.

Os sediciosos contavam para o bom exito da sua empreza com a artilheria do commando do coronel Passos, regimento de infantaria n.º 10, alguns esquadrões de cavallaria, e contingentes d'outros corpos, incluindo a propria guarda municipal, que era considerada então como o corpo mais fiel, de que o governo podia dispor.

O boato, que se propalou, de que o coronel Passos ia ser exonerado do commando que estava exercendo, ficando assim a revolução privada do auxilio que lhe devia prestar a força que elle commandava, fez com que se designasse a noite de 11 d'agosto para se effectuar a revolução; mas tão apressadamente isto se fez, que nem sequer houve tempo necessario para prevenir a mór parte dos que n'ella tinham de entrar.

Pelas 10 horas da noite d'aquelle dia a 4.ª companhia da guarda municipal, que tinha o seu quartel na Travessa dos Ladrões, sahiu para a rua, acompanhada d'uns duzentos a trescentos populares, e procurou a adhesão de varias forças militares, a começar pela guarda do hospital da Estrella, que todas se recusaram a adherir ao pensamento revolucionario que iniciara. O numero dos populares é que foi augmentando, de forma que pouco depois surprehendam a guarda do arsenal do exercito, e, arrombando as portas, correram a armar se de espingardas e espadas, e com tudo o mais que encontraram. A' frente dos populares ia Silva e Castro, e dos chefes os mais classificados membros da revolta, foi elle o unico que não faltou.

Ao approximarem-se do arsenal o batalhão de caçadores 30 e outras forças que o governo poz em movimento, os populares pozeram-se logo em desordenada fuga; alguns porem esconderam-se no proprio edificio e n'este numero conta-se Silva e Castro, que, sendo encontrado de manhã escondido n'um armario,ahi foi preso, e conduzido em seguida para o Castello de S. Jorge, conjunctamente com trinta e sete individuos, um dos quaes era o sr. Thomaz Quintino Antunes, então compositor typographico, e actualmente visconde de S. Marçal.

Preso, Silva e Castro apresentou perante o tribunal militar creado pela lei de 25 d'agosto do mesmo anno de 1840, que o havia de julgar, um energico protesto. O julgamento porém não chegou a realisar-se, em virtude do decreto de 16 de dezembro do mesmo anno, que o amnistiou, bem como a todos os seus co-reus.

No movimento popular de 1844, conhecido pela *Revolução de Torres Novas*, Silva e Castro tomou tambem parte, vindo a Coimbra nos fins de março d'esse anno, a fim de se operar aqui outra revolução, que daria em resultado dividir as forças do governo, que então estavam cercando Almeida, onde se haviam acolhido o conde de Bomfim e Cesar de Vasconcellos com as forças revoltadas.

Abortado mais este desesperado esforço dos setembristas para derrubarem do poder os cartistas, e foragidos em terra estranha os chefes, Silva e Castro continuou a viver em Lisboa quasi sem recursos e constantemente vigiado pelos esbirros da policia, até que, havendo triumphado em maio de 1846 a revolução popular começada no Minho, foi em 29 de julho d'esse anno nomeado secretario geral do districto de Vizeu.

N'esta situação o vieram encontrar o *golpe de estado* de 6 de outubro, e a resistencia que contra o mesmo se levantou no Porto; e que n'elle teve um dedicado auxiliar.

Fôram importantes os serviços prestados á causa popular por Silva e Castro, devendo-se em grande parte ao seu zelo e nunca desmentida actividade, a defeza da margem esquerda do Douro, conservando assim em poder da Junta do Porto as duas Beiras, ameaçadas pelas forças do barão do Casal, antes e depois do desastre de Val Passos. Acompanhou o barão de Castro Daire, quando esta foi atacar e submeter á auctoridade da Junta, Villa Real; e, havendo o velho general Povoas adherido ao movimento popular, correu immediatamente a unir-se-lhe na Guarda, e fez em seguida, com elle, a memoravel jornada da Serra da Estrella.

Desde então Silva e Castro não abandonou jamais Povoas, que muito se lhe affeioou. Quando a convenção de Gramido veio pôr termo á lucta, Povoas retirou-se para Hespanha, acompanhando o Silva e Castro, que mezes depois, a 7 d'agosto de 1847, em Vigo, lhe morria nos braços—victima d'uma phthisica pulmonar.

Em terra estranha, e longe da familia e dos amigos, se finou pois o popular redactor da *Lança*, outrora tão conhecido, e hoje tão pouco lembrado.

BALLADA Á LUA

(De Alfred de Musset)

Era em noute espessa e nua,
sobre o campanario eu vi
posta a lua
como um ponto sobre um i.

Lua, o que é que nos deslumbra
e desenha, como um flo,
na penumbra.
o teu perfil luzidio?

Vae o ceu por ti mirando
e um cherubim Asmodeu
espreitando,
mascarado no teu veu?

Ou não és mais que uma bola,
um bicho que, nos espaços,
trepas e rola
sem ter mão e sem ter braços?

E's talvez, posso julgar?
o velho relógio eterno
que, a oscillar,
se vae sentindo no inferno?

No seu mostrador que foge,
já viram elles que idade
terá hoje
sua triste eternidade?

Roe-te algum verme sombrio,
quando o disco ennegrecido
mostra, esguio,
o seu crescente comprido?

Quem te tinha, de outra vez,
debastado o rosto agudo?
foi talvez
um arbusto ponteagudo?

Pois, triste, vieste a fronte
a meus vidros encostar,
e defronte
da janella desmaiar.

Passa, ó lua, que n'esta hora
da Phebe o corpo torneado
d'essa loura
no mar está sepultado.

Tu tens d'ella o rosto só,
mas já se mostra rugosa
e faz dó
tua face de antes formosa.

Faz-nos ver a caçadora,
de alvo seio virginal,
que, na aurora,
busca o veado matinal.

A Diana, correndo bella,
por entre campos floridos,
e que atrella
os finos galgos compridos.

O cabrito que, isolado,
nas arestas de um rochedo,
assustado
ouve passal a em segredo.

Os cães ruidosos, ladrando,
que, no rastro do inimigo,
vão buscando
a farejar pelo trigo.

Ou, na terra perfumada,
Phebe, a loura irmã de Apollo,
encontrada
a banhar seu alvo collo.

A Phebe que, em noute alvissima,
sobre os labios de um pastor,
põe, dulcissima,
um casto beijo de amor.

O' lua, em nossa memoria,
do teu amor, lua terna,
essa historia
vem dar-te belleza eterna.

Para sempre remocada,
serás pelo viajante
abençoada
ou lua cheia ou mingunte.



O PRINCIPE DE GALLES

Ama-te o velho pastor,
ouvindo ao teu rosto brando,
com furor,
os seus cães irem ladrando.

E o piloto hade-te amar
no navio que fluctua.
sobre o mar,
quando o embalas, meiga lua.

E a moça que passa, airosa,
por entre as murtas floridas,
donairoza,
cantando trovas sentidas.

Como um leão açaimado,
ao teu olhar mysterioso,
encadeado
tens o Oceano montuoso.

Caia neve ou sobre o vento,
às noutes que faço eu,
s; me assento
olhando o estrellado ceu?

Venho ver a imagem tua
no campanario onde a vi;
ver-te, ó lua,
como um ponto sobre um z.

E talvez a algum marido,
a qualquer esposo infeliz,
e trahido,
maliciosa, tu sorris.

Quando da mãe o amor santo
entrega ao genro abençoado.
todo em pranto,
a chave do ninho amado,

De pés nús e palpitando,
esse esposo, allicto, inquieto,
vae soprando
o candieiro indiscreto,

E do pudico hymeneo
a virgem tira do peito
branco veu,
tiritando em frio leite.

Mas elle que já está fóra
de si, não sabe affagar
a senhora,
que não cessa de implorar,

E extingue o violento fogo,
mas que demonio escondido
lhe diz logo:
«não peques, toma sentido».

Ah, diz elle, tem cautella,
quem será o curioso
que nos vela
e nos olha, o mysterioso?

E é nos ceus a face tua
que no campanario eu vi;
é a lua
como um ponto sobre um z.

ASSIS DE CARVALHO.

OS LIVROS DEFEZOS

(De R. Maizeroy)

A casa dormita até ao pôr do sol.
As persianas estão todas fechadas. As gleycinas e as roseiras pendem, fanadas e languidas, como *bouquets* desprezados. O céu tem umas alvuras que cegam e o calor é tal que as alfombras parecem fumejar, e a terra tem uns estremecimentos silenciosos.

Do pateo não se eleva o menor ruído. As gallinhas acocaram-se à sombra, ao longo dos muros. Pelo campo mudo reina um morno recolhimento, uma paz de cemiterio inundado de luz.

A casa dormita. A avósinha na sala cabeceia no respaldo da sua vasta peltrona. No quarto paterno sente-se a espaços como que o vago ressonar de algum digno chantre. Só a priminha e eu estamos acordados, e para nos vermos bem a sós, para melhor saborearmos a solidão tranquilla em que ninguem virá importunar-nos, a ferrolhamo-nos na bibliotheca...

Que deliciosas tardes me fará lembrar sempre essa velha livraria com as suas rumas de cartapacios pulverulentos, a desmoronar-se, e os seus raios de sol que, filtrando preguiçosamente por entre as taboinhas das persianas, vinham justapôr as suas deslumbrantes palhetas aos fulvos doirados das antigas encadernações, e ao vermelho fanado dos reposteiros de chita!

Os moveis immergiam n'uma luz muito vaga—uma penumbra apenas colorida—que dava á pequena livraria o aspecto de um laboratorio mysterioso abandonado desde seculos.

O fundo era occupado por uma *chaise-longue*—estylu Luiz XVI, com a armação esculpida em folhagem e a seda um tanto usada, de um verde mar, no meio do qual se entrelaçavam pallidas rosas.

A priminha assentava-se habitualmente n'este movel, fazendo-me um logarinho a seu lado. Depois entrabriamos as persianas, e eu pegava no livro começado, abrindo o na pagina dobrada na vespera...

O cheiro um tanto rançoso das coisas antigas evaporava-se na tepida atmosphera, juntando-se aos aromas agonisantes das flôres bravas, que murchavam nas jarras de Sévres.

Chegados um ao outro, liamos assim preguiçosamente. A sua loira cabeça inundava de fios de oiro o meu hombro.

E era tão curiosa a minha adoravel priminha! Gostava tanto dos livros defezos, cujos titulos as educandas murmuram ao ouvido umas das outras, quando passeiam a duas e duas por debaixo das tilias da cerca!

Como não soubesse recusar-lhe coisa nenhuma, mãos e bons, liamol os todos!

A's vezes, entre um e outro capitulo, furtavam-se beijos e surgiam perguntas embaraçosas a que não bastava todo o meu latim. E, quando os versos entoavam um psalmo de amor, quando as phrases se tornavam mais ardentes, graças a essas inflexões desconhecidas em que se julga ouvir as pulsações precipitadas de dois corações offegantes, ella, a priminha, fazia umas caras de gata gulosa que hesita em molhar a lingua rosada n'uma tigella de leite, agitava-se em subitos estremecimentos, e os seus olhos, humidos de desejos, pareciam pedir «mais» ao leitor que tentava passar em claro certas paginas e que não podia fazel-o.

Então o livro caia-nos das mãos, e, sem saber como, sem o querer, achavamo-nos com os rostos unidos, desejosos de nos conservar assim por toda a eternidade humana.

Não valeria isto bem as rimas mais triumphantes, as scenas mais cheias de vida?

Ella enthusiasmava-se com os finos poemas, com as intimidades cheias de encantos que Coppée parece ter escripto para as mulheres, sobretudo para as loiras. Mas o seu breviario predilecto, o livro que sem cessar escolhia e me punha nas mãos, eram essas admiraveis *Contemplações*, em que Victor Hugo vasou toda a sua alma, e fez vibrar todas as notas do teclado humano.

Esse livro estava de tal modo assignalado que se abria familiarmente de si mesmo em certas estrophes que sabiamos de cór...

E nós sonhavam com coisas impossiveis,—faziamos planos dignos de figurarem em contos de fadas;—e evocavamos a visão profundamente serena e ditosa de que o poeta se inspira...

N'esse tempo ainda eu acreditava nos amores que não acabam; acreditava nas andorinhas que voltam em abril a fazer os ninhos nos mesmos telhados; acreditava na casinha escondida entre arvoredos e flôres, em que a gente se deixa envelhecer amando-se aos cincoenta annos do mesmo modo que se adorava nas horas doiradas dos vinte. E a priminha tambem acreditava em tudo isso...

Porque não ficariamos nós mais tempo ao canto da velha livraria, onde as nossas caricias se prolongavam com tanta doçura, onde a luz parecia uma vaga penumbra apenas conhecida...

CASTOR:

AS NOSSAS GRAVURAS

FREDERICO FERREIRA PINTO

Era, como diz D. Francisco de Mello, não um *velho branco* mas um *velho verde*

Havia na sua organização o que quer que fosse de resistencia á velhice, de protesto contra o peso dos annos.

Frederico Ferreira Pinto era um velho rapaz, sempre elegante, sempre alegre, sempre distincto, cheio de enthusiasmos juvenis por todas as festas da mocidade elegante em que elle apparecia como personificando a tradição mundana da geração que antecedeu a nossa.

Foi um *sportman* distincto, um juiz vitalicio nas corridas que se realisavam no Hyppodromo de Belem, e um entusiasta acerrimo d'esse divertimento que lisonjeava os seus habitos accentuadamente inglezes.

Até na *toilette* conservou sempre um certo *cachet* britannico, —mas de um britannismo elegante, não d'esse britannismo que denuncia o negociante inglez, para quem o tempo é dinheiro.

Como um bom inglez, amava a agua fria e parece foi depois de um banho de agua fria que se sentiu acommettido da congestão que o matou.

Como um entendedor do Derby, parava na rua a contemplar as fórmas correctas de um cavallo *pur sang* e a admirar um cavalleiro que se distinguia pelo primor da equitação.

Era um homem robusto, capaz de dar um passeio de alguns kilometros com a mesma facilidade com que walsaria durante uma hora quando era moço.

Tendo visto muito mundo, tendo viajado por varias vezes, conhecendo profundamente a sociedade do seu tempo, captivava na conversação, doirando-a sempre d'esse encantador reflexo de saudade que é a nota predilecta dos aventureiros de outro tempo.

A anedocta, que é a chronica mundana dynamizada pela homopathia do espirito, era um dos seus cavallos de batalha. Gustava de a fazer saborear em pequeninas doses, prendendo a atenção de quem o escutava, porque nada ha realmente tão recreativo como ver resurgir a galeria do passado com os seus homens e as suas façanhas, os seus heroismos e os seus ridiculos, desenhada n'essas como que *mortalhas de cigarro*, que se chamam anedoctas.

Physiognomia caracteristica, como quasi todas as da sua geração, Frederico Ferreira Pinto deixa um vacuo na historia elegante da sociedade lisbonense.

Era um exemplar authenticico, e perfeitamente bem conservado, do *gentleman* portuguez. Porque a verdade é essa, nós tivemos provas d'isso. O typo vae-se apagando successivamente, tende a aniquillar-se. Mas quem se propozesse descrever a vida mundana de ha trinta annos, mostraria, fazendo uma obra interessantissima que Portugal teve os seus homens do mundo, como o inglez tem o *gentleman*, e as suas grandes damas, como a França as teve nos seculos aureos da realleza.

Agora, o que temos nós?

Temos os burocratas, temos os syndicateiros, os 'homens de negocios, os adoradores do bezerro de ouro e... não temos mais nada.

O mosqueteiro do amor, da aventura galante, da bohemia fidalga, passou, ou, mais propriamente, vae passando.

Um d'elles era Frederico Ferreira Pinto.

Outros chamaram-se marquez de Castello Melhor, Frederico James, visconde das Nogueiras, etc., etc.

Rezem lhe por alma, os que, como nós, não podem substituil-os.

FERREIRA D'ALMEIDA—FRANCISCO JOSÉ MACHADO

A oppurtunidade dos retratos dos dois illustres deputados, nas columnas d'este semanario, está na pendencia de honra que ha dias se realisou, e cujos pormenores são já sobejamente conhecidos.

Por occasião d'outra pendencia com o sr. Henrique de Macedo, actual ministro da marinha, publicámos em uma das nossas paginas a biographia do sr. Ferreira d'Almeida: brevissimas palavras, pois, lhe accrescentaremos hoje.

O valente marinheiro e distinctissimo parlamentar sellou mais uma vez, n'aquella pendencia, os pergaminhos que enobrecem o seu nome. Ferido como membro da opposição da Camara, na critica feita ao procedimento d'esta, levantou a dignidade collectiva para levantar a dignidade individual, e em sua frente encontrou, no meio das circumstancias que todos conhecem, um contendor brioso, com quem trocou a espada no campo da honra.

Cumpriu fidalgamente o seu dever, affirmando o quilate superior dos seus bries.

O sr. Francisco José Machado, que no parlamento representa o circulo das Caldas da Rainha, é capitão de artilheria, posto a que foi promovido, em 31 de novembro de 1884. Nasceu em Lagos. Assentou praça em 1871, e n'estes 17 annos de vida militar tem honrado com um comportamento exemplarissimo o exercito.

Filho de paes humildes, soube, por esforço proprio, verdadei-

ramente heroico, elevar-se á posição que occupa, vencendo todas as difficuldades e cruezas da vida com uma perseverança verdadeiramente excepcional.

Homens d'esta tempera, merecem o respeito e as sympathias geraes. E o sr. capitão Machado gosa, entre todas as classes e entre todos os politicos, d'essa sympathia e d'esse respeito.

Filiando-se no partido progressista, tem-o servido com uma lealdade exemplar, começando por collaborar no *Progresso*, que por muitos annos foi orgão official d'aquella collectividade politica. Não só com lealdade, mas tambem com a maxima dedicação, que é propria dos fanaticos, dos que tudo cedem, sem calculo, aos amigos, aos chefes, aos correligionarios.

Em 1886, quando o sr. José Luciano foi chamado ao governo, o sr. capitão Machado foi administrar o concelho de Guimarães. Situação difficil, como todos sabem; mas se o illustre militar não conseguiu o impossivel—impôr a sua fé partidaria aos vimarenses, o que alcançou foi tornar-se respeitado e querido, por effeito do seu genio affavel e primores da sua educação.

Eleito deputado, temol-o visto advogar com enthusiasmo os legitimos interesses da sua classe; escolhido para correspondente em Lisboa do jornal a *Provincia*, do Porto, tem-se mostrado um *reporter* incansavel. Tomou uma obrigação: cumpre-a por todas as fórmas, por todos os meios legitimos, com o maximo trabalho. É um zeloso cumpridor das suas obrigações, e com esta força de comprehensão, é tão dedicado partidario como é zeloso correspondente. E nas demais manifestações da sua vida, que desconhecemos, deve ser assim, egualmente em todas.

LYÃO

Lyão é a segunda cidade de França e capital do departamento de Rhodano, no confluente do Rhodano e do Saône. Tem 300.000 habitantes, comprehendendo as communas que lhe foram annexadas em 1852, Croix-Rousse, La Guillotière e Vaise.

A cidade, dominada ao Norte pelos montes de S. Sebastião de Fourvières, offerece um aspecto magnifico: bellos passeios, grandes arrabaldes, vastas praças e caes, muitos portos, 17 pontes, ruas bem abertas.

Os seus monumentos principaes são: a casa da camara; hospital; cathedral de S. João; igreja de S. Nizier, de Santo Ireneu, com uma crypta curiosa, d'Almay, no local de um templo de Augusto; Nossa Senhora de Fourvières, em cujo campanario se collocou, em 1853, uma estatua colossal da Virgem, e que é uma igreja muito frequentada pelos peregrinos; a igreja dos Cartuxos, de que se admira a cupula, o altar e o côro; o palacio archiepiscopal; o Grande Theatro; a alfandega; o palacio da Justiça; a *Antiqualha*, hospital dos doidos nas ruinas do palacio em que nasceram Claudio e Germanico, e a estação dos caminhos de ferro.

Imensos trabalhos de fortificação fazem de Lyão uma praça quasi inconquistavel; a cidade é defendida por um recinto continuo deante do qual se elevam dezeseite fortes.

Tem numerosos estabelecimentos de instrucção, faculdades de theologia, de letras, de sciencias, lyceus, seminarios, escolas secundarias, de medicina, escolas de economia rural e veterinaria, escola das artes e officios, escola de desenho e pintura, academia das sciencias, bellas letras e artes, sociedade de agricultura, sociedade de medicina, rica bibliotheca, museu de pintura, jardim botanico, conservatorio das artes.

A sua industria é muito activa, e comprehende manufacturas de fazendas, de oiro e prata, e sedas de todos os generos, que occupam 600 teares, e são sem rivaes; tecidos de algodão; cobertores; chapellaria; salchicharias afamadas, sobretudo por causa dos chouriços; productos chmicos; drogaria; licores; louça de faiança; tinturaria; fundições, etc.

O seu commercio é vastissimo, tanto dos productos da propria cidade de Lyon e dos seus arredores, como de commissão, titas, vinhos de Beaujolais e outros, especiarias e sementes de toda a especie.

Lyão é o emporio do commercio da Suissa e de todo o leste da França meridional, e exporta immenso para o estrangeiro. Communica, pelos seus barcos de vapor e os seus caminhos de ferro, com as principaes cidades da França.

Lyão contava mais de 200.000 habitantes em 1793, quando se revoltou contra a convenção; teve então que sustentar um cerco terrivel, cujo resultado foi a destruição quasi completa da cidade; foi depois dizimada pelos commissarios da Convenção, Collet d'Herbois, Couton, Fouché; até o nome de Lyão foi apagado e substituido pelo de—Communa emancipada.

Levantou-se no tempo do Imperio; a introdução de tear Jacquard deu então grande impulso ao fabrico, mas as revoltas de operarios que houve em 1831, 1834, 1848, 1849, e a inundação de 1840, fizeram-n'a ainda cruelmente padecer; além d'isso, as fabricas de sedas, fundadas no principio do seculo XIX na Suissa, na Allemanha e na Italia, tiraram-lhe importantissimos mercados.



1912

MODAS

O PRINCIPE DE GALLES

Alberto Eduardo, príncipe de Galles, príncipe de Saxe-Coburgo-Gotha, duque de Saxe, duque de Cornwall, duque de Rothsay, conde de Chester, conde de Carrick, conde de Dublin, barão de Renfrow, senhor das Ilhas, mordomo mór da Escócia, generalissimo do exercito britannico, presidente da camara dos lords, advogado, cavalleiro da Jarreteira, e grã cruz de diversas ordens, nasceu em 9 de novembro de 1841, e é filho da rainha Victoria de Inglaterra e de seu esposo, o príncipe Alberto Francisco Augusto Carlos Manuel, que falleceu em 14 de dezembro de 1861.

O príncipe de Galles teve uma educação esmerada; foi aprovado com distincção em todos os exames, e tomou o grã de bacharel em direito na universidade.

Em 10 de março de 1863, casou com a princeza Alexandre Carolina Maria Carlota Luiza Julia, princeza da Dinamarca, filha primogenita de Christiano IX, rei d'quelle paiz.

Nos fins de 1871, tendo ido passar alguns dias a casa de um fidalgo das suas relações, no campo, adoeceu repentinamente com uma febre typhoide.

Dois mezes, correu grave perigo a sua vida; dois mezes se conservou na maior anciedade o povo inglez, que préza sobremaneira o herdeiro do throno.

Fizeram se fervorosas preces pela conservação da preciosa vida, e essas preces foram felizmente attendidas.

São indescriptiveis a alegria e as festas com que foi celebrado o restabelecimento de sua alteza.

Foi imponente a demonstração que a familia real recebeu no dia 27 de fevereiro de 1872, em que se dirigiu á sé de Londres para dar graças ao Altissimo por ter ouvido os seus rogos e os do povo.

*
*
*

O príncipe de Galles é gran-mestre da maçonaria ingleza.

Foi eleito para este logar, quando em fins de 1874 principios de 1875, o conde de Ripon, que o occupava, se converteu ao catholicismo e entendeu por escrupulos de consciencia que devia abandonar a maçonaria.

A posse realisou-se a 28 de abril de 1875, dia de S. Jorge, padroeiro do reino de Inglaterra.

A festa celebrou-se com extraordinaria pompa no Royal Albert Hall, assistindo a ella dez mil maçons.

O herdeiro do throno de Inglaterra tem viajado muitissimo, e depois da sua viagem ao Oriente, em 1875, veio a Lisboa, onde se demorou alguns dias, havendo por essa occasião na capital festas magnificas.

O príncipe de Galles celebrou no dia 10 do corrente mez as suas nupcias de prata, annunciando n'essa occasião, officialmente, os futuros enlaces do príncipe Eduardo de Galles, com sua prima a princeza Alexandra da Grecia, e da princeza Victoria de Galles com o duque de Sparta, príncipe da corôa da Grecia. Esta participação foi feita pelo herdeiro de Inglaterra, durante o banquete de Buckingham Palace.

MODAS

Chamamos a attenção das leitoras para os dois encantadores figurinos que encontrarão na gravura de uma das nossas paginas.

1.º—*Toilette* para concerto:

Saia de velludo *prune* abrindo na frente sobre outra saia de seda com pintas de velludo, guarnecida de um lado com um laço de fita. Um galão bordado a ouro enfeita a saia de velludo, atravessando-a em diagonal na cintura e ao meio da saia. Corpete de velludo com peitilho de seda, adornado do mesmo galão, applicado em bico.

2.º—*Toilette* de menina:

Saia de foulard armada em bicos, debruados a galão prateado, enfeitada com laços de fita. Corpete, guarnecido com o mesmo galão; *plastron* de foulard, formando um fofó, e tendo em cima outro *plastron* liso.

O PARQUE VACCINOGENICO DE LISBOA

Muitas vezes se tinha pensado na criação de um parque vaccinogenico em Lisboa, e muitas vezes, tambem, se havia desistido da idéa em presença das difficuldades que a sua realisação apresentava.

O problema acaba de ser resolvido pelo bom conselho e melhor vontade de dois medicos distinctissimos, os srs. Moniz Tava-

res e Guilherme Eunes, que reúnem todas as condições indispensaveis para que este enorme beneficio á humanidade tenha execuçaõ pratica nas mais favoraveis e completas condições.

Não os acobardaram despezas de installação e custeio: dispunha um d'elles de uma vivenda, admiravelmente apropriada ao fim, onde se podia estabelecer um excellento laboratorio e sala de operações, e, á parte, um bello estabulo para as vitellinhas, vacinandas e vaccinadas.

Com taes elementos se inaugurou o parque vaccinogenico da rua de S. Bernardo, á Estrella, que é servido e mantido pela dedicação e quasi amor paternal dos instituidores.

Por contracto com fornecedores de carnes, recebe o instituto duas vitellinhas da Beira, por semana, as quaes estão seis dias no estabulo, sob a vigilancia de um distincto veterinario, para só serem inoculadas, quando haja a plena certeza do seu bom estado de saude. D'esta maneira tem o instituto de sustentar permanentemente seis animaes: dois vaccinados, dois vacciniferos e dois no periodo de observação prévia, e ainda faz a vaccinação em dias diff rentes da semana, para que sempre haja vaccina fresca.

A vaccina humana, resultante das inoculações, nunca é aproveitada, porque os illustres medicos querem garantir sempre a pureza e veracidade da procedencia da sua lymphá, exclusivamente de origem animal.

O parque vaccinogenico é um altissimo serviço prestado á humanidade; o seu estabelecimento é n'uma formosa habitação, das mais apraziveis e encantadoras da capital, onde, além do laboratorio e sala de operações, ha gabinete para as pessoas que desejem ser operadas mais reconditamente.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charada

O salario entra na relação do escriptor.—2—2
Elegia a ave por ter jactancia.—2—2

Santarem.

WILLIAMS.

Não é lá, mas em Africa, o titulo d'este visconde.—1—2

B.

Esta bebida é vestimenta para rir.—1—2
Conduz e é beca esta planta —2—2

Belem.

J. M. de S. GOMES.

Chora! velho ou moço,
Chora! bom tremoço,
Chorem em geral
B snaga e borracha,
Que a dôr é de escacha;
Foi-se o Carnavall

O bello ratão.
—Que bom folião!—
Com cujos esgares
Nos dá volta ao caco,
Sem dar mais cavaco
Lá váe pelos ares!—2

Dos bailes, saudade
Tenho, da Trindade,
Onde, de embrulhada
Na dança, se vé
Muita—leitor crê,—
Virgem disfarçada.—3

Mas p'ra o anno espero
Matar o exasporo,
Haja paciencia...
Olhe: Tem amendoas?
Então, vá, comendo-as
Fazer penitencia.

Eu cá, finca-pé
Faço, de, na Sé,
Lá pela Paixão,
Arranjar ourelo,
Elegante, bello.
Durante a oração.

MATHEUS JUNIOR.

Logogripho (Diagonal *)

(Ao exímio charadista PEQUENO ANTONINHO)

A	5	2	8	3	9
1	R	6	1	2	4
3	9	V	2	3	2
1	9	3	0	5	9
0	2	3	4	R	4
5	4	5	7	3	E

FUNCHAL.

FREDERICO I. D. S. SANTOS.

* Vide «Almanach Litterario e Charadistico» para 1884 pag. 92.

Problema

Um joalheiro vendeu com prejuizo um broche por réis 420\$000, pelo qual pedia 570\$000 réis; se tivesse conseguido vendel-o por este ultimo preço, teria ganho 4 vezes tanto quanto perdeu vendendo-o pelo primeiro.

Quanto tinha custado o broche ao joalheiro?

D.

Decifrações

DA CH-RADA:—Ombos.
DO ENIGMA:—Chinó.
DO LOG-GRIPHO:—Veteranos.
DO PROBLEMA:—

7	duzias a	110	770
3	"	90	270
2	"	80	160
			1:200

A RIR

Conversava-se, diante da viscondessa de X..., ácerca d'uma dama que tem os braços desmesuradamente compridos.

—Aquella, diz a viscondessa, precisa mais do que ninguem, de usar luvas.

—Para que?

—Para não sujar as mãos quando houver muita lama nas ruas...

*

Falla-se de cartas anonymas. Cada qual expõe a sua opinião.

—E' a arma dos covardes, diz um.

Calino, que escuta muito attento, toma a palavra:

—Um dia, diz elle, querendo ver o effeito que me podia produzir uma carta anonyma, escrevi uma a mim mesmo... Pois ju-ro-lhes que fiquei indifferente.

UM CONSELHO POR SEMANA

AGUA PARA A INFLAMMAÇÃO DOS OLHOS

Enche-se meia garrafa de petalas de herva centaurea, e junta-se 4 chicaras d'agua, uma de aguardente e uma pitada de argentina.

Arrolha-se a garrafa e assim se conserva de infusão durante

semanas, tendo o cuidado de agitar e voltar a garrafa todos os dias. Usa-se humedecendo o dedo minimo no liquido e fazendo cair algumas gottas no olho doente tres ou quatro vezes por dia.

O PEQUENO JOAQUIM

O pequeno Joaquim vivia na pobre aldeia dos Fenaes, juntamente com a mãe, uma quasi mendiga, uma desgraçada viuva que se arrastava sob o atroz martyrio de uma lesão cardiaca, sustentando-se da caridade dos visinhos.

O seu unico enlevo era o filhinho; com elle repartia as magras sopas da caridade. A pobre creança era tão enfezadinha que não podia trabalhar, apesar de contar já doze annos, mas parecia ter oito. Alem d'isso, fazia o pequeno arranjo da cabana. Ia á fonte, á lenha, ás casas do conhecimento da mãe enferma, onde lhe davam alguma cousa pelo amor de Deus.

Afinal, um bello dia, a pobre mulher morreu ao desamparo, agarrada ao filhinho, alanceada pela dupla dor physica e moral de se despedir do ente que deixava só no mundo, apesar de ter parentes abastados. E ensinou-lhe; antes de expirar, o nome e a morada de um irmão rico, que d'ella nunca fizera caso, por ser pobre.

—Elle é meu irmão e é teu tio, dizia a pobre creatura ao filhinho na hora derradeira. Deus não hade permittir que elle te repudie. Vae, assim que eu morrer, á cidade, e procura-o. Conta-lhe tudo.

—Sim, mamã.

E a infeliz expirou, suffocada.

O pequeno, atemorizado perante o horror d'aquelle quadro novo para elle, foi chamar o padre cura, que veio acompanhado de alguns visinhos e se limitou a dizer friamente ao Joaquim:

—Porque me chamaste tão tarde?

—A mamã é que não quiz que eu a deixasse.

—Têve razão, coitadinha! acudiram os camponios. Esta casa fica tão desviada do povoado, que a pobresinha teve medo de morrer entrementes o pequeno ia chamar o sr. cura.

—Bem, disse o padre, virei encommenda-la amanhã, e far-se-ha o enterro a custa da junta!

E saiu indifferente.

Algumas mulheres ficaram de guarda ao cadaver, e em quanto as velhas resavam, as raparigas e rapazes, brincando, tentavam distrahir o Joaquim. Mas este, demasiado sensivel, tinha essa intelligencia precoce dos de-beis, e media em toda a sua grandeza a perda da mãe. Preoccupava-o summamente a idea de sahir da aldeia e ir procurar o tio á cidade, como a mãe lhe recommendára.

No dia seguinte, seguiu, soluçando, o funebre cortejo, e quando o corpo da mãe escorregou de dentro do esquife para a vala, e se sumiu na terra para sempre, elle, n'um impeto de amor filial, atirou-se de rojo sobre essa terra fria e humida, n'uma crise nervosa de organização doentia, e chorou em arrancos que pareciam despedaçar-lhe o peito. Tiraram-n'o d'ali á força.

No dia seguinte, partiu a pé para a cidade, levando a roupa n'uma trouxinha, enfiada n'um bordão, ás costas. Andou leguas sem saber o que era levar uma codea de pão á bocca.

Na cidade, corria um rumor de festa. Era um domingo de procissão. Subiam foguetes ao ar, e as flamulas e bandeiras de cores vivas, tremulavam á fresca brisa da tarde. O rapazio enchia as ruas, as musicas marciaes caminhavam, tocando os seus ordinarios, para o local da festividade.

O Joaquim, maguado, quasi indifferente, apesar da sua pouca idade, foi perguntando pela morada do tio, e por fim, chegou diante de uma casa de boa apparencia, toda enfeitada de bandeiras, a testada atapetada de lado a lado da rua, de folhagem verde de incenso e ramos de buxo, tendo ao centro d'aquelle immenso tapete de verdura uma estreita alcatifa feita de folhas de rosas claras. Um grande numero de populares em frente da casa.

O pequeno ficou um pouco surprehendido, mas como viu a porta aberta, entrou.

Quando ia a pôr o pé no primeiro degrau, um creado, que guardava a porta e que, dis-rhido a conversar, não o vira entrar, embargou-lhe o passo rudemente, dando-lhe um valente cachaço por o suppor um mendigo, e interpellou-o.

—Então, isso é subir sem dizer: —agua vae?

O Joaquim, fraquinho pela fome, rolou no lagedo coberto de rosas e levantando-se no meio dos apupos da populaça, disse indignado:

—Eu quero fallar a meu tio!

—Queres fallar a teu tio! repetiu o creado, abysmado, sem perceber.

O pequeno insistiu:

—Sim. Quero fallar a meu tio Pedro Christo. Cheguei agora mesmo dos Fenaes. Morreu minha mãe e venho acolher-me á sombra d'elle.

E levou as costas da mãe aos olhos, lembrando-se da mãe.

O creado não duvidava já; mas sempre cauteloso, disse-lhe menos rispidamente:

—Pois bem. Espera aqui, enquanto eu vou avisar o senhor.

E foi dizer ao patrão, diante de toda a familia, que estava á porta um pequeno a chorar, que o procurava.

—Mas o que é que me quer?

—Diz que é seu sobrinho...

—Não tenho sobrinhos. Ponha-o na rua. Vá ter com a mãe.

—Mas senhor, tornou o creado, commovido, elle vem exactamente porque a mãe lhe morreu e não tem mais ninguém.

O Pedro Christo enfiou e disse, depois de reflectir:

—Manda-o subir.

Alguns segundos depois, o Joaquim, descalço, roto, coberto de poeira, assomava á porta da sala onde se achava o tio, e via, como n'um sonho, um espectáculo estranho. No meio do quarto, algumas creanças vestidas d'anjos de procissão, libertavam-se das mãos das costureiras, e em volta d'ellas, varias senhoras e homens examinavam-as complacentemente.

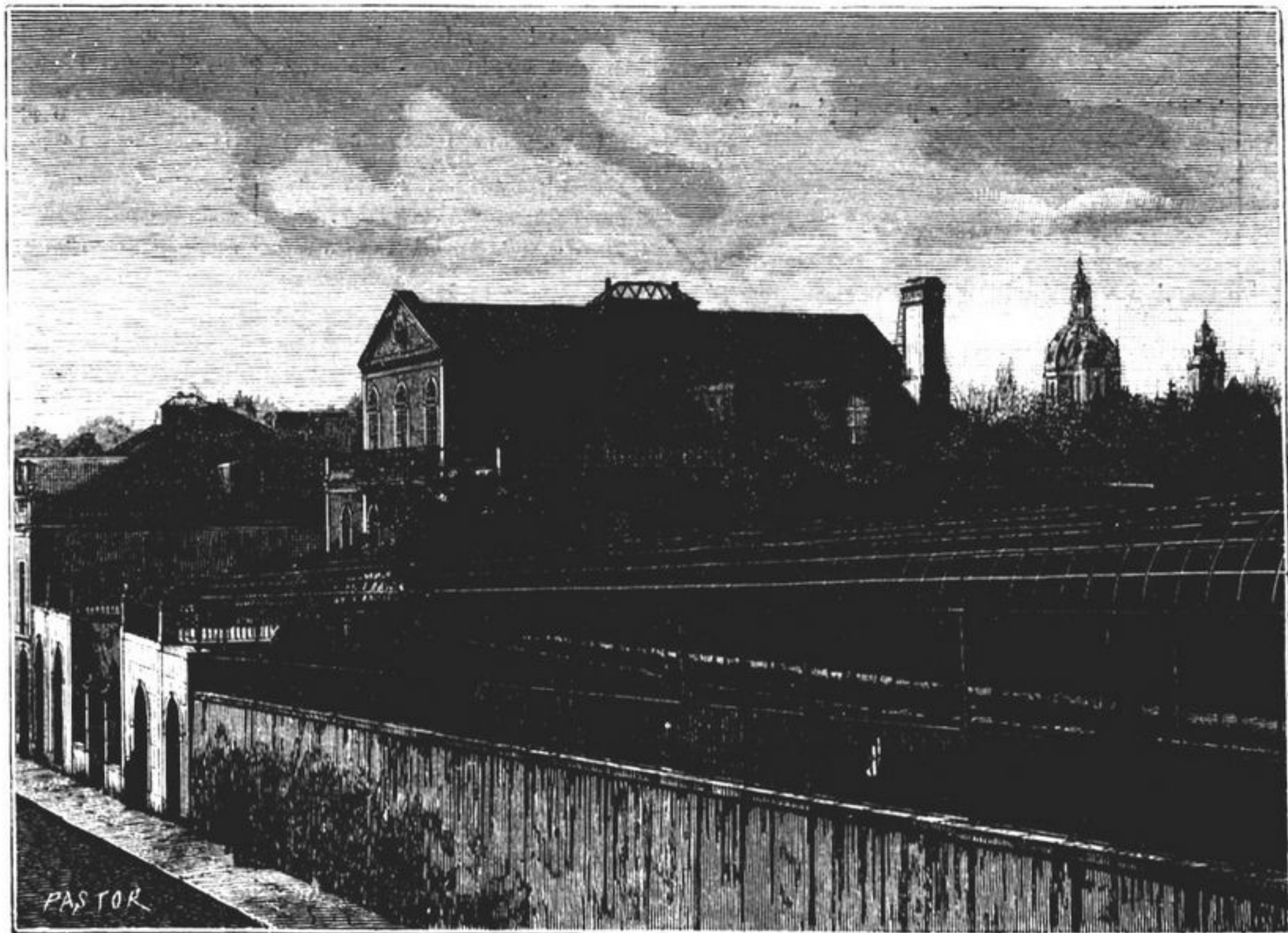
Pela primeira vez, depois que a mãe morrera, o Joaquim sorriu. O contacto dos labios puros d'aquella creança trouxe-lhe á idéa os beijos da mãe. E poz-se a examinar pasmado, a prima. Não a differenciara na vespera, entre os irmãos, por causa da egualdade das azas de papelão dourado, das cabelleiras anneladas e das saias a balão da toilette celestial.

Era forçoso partir. A prima fel-o prometter que voltaria; e elle, commovido, como se de subito se lhe abriera um mundo novo, disse que sim.

Mas o patrão é que não esteve por isso. Tinha recebido terminantes instrucções do Christo, e não deixava sair o marçano.

Passaram-se dois annos. A mesa farta, o exercicio e as lições de um professor primario, transformaram inteiramente o Joaquim, que se tornou robusto e ardiloso. O seu bom comportamento, conquistou-lhe a confiança do patrão, e obteve licença para passeiar.

Os seus primeiros passos foram para casa do tio, conseguindo fallar aos creados, que lhe ficaram com amizade desde o celebre dia da procissão, e por elles enviar recado á priminha, que



O PARQUE VACCINOGENICO DE LISBOA

D'entre os barbaças presentes, um de aspecto rude, interpellou o Joaquim. Era o sr. seu tio.

O pequeno contou tudo.

O tio, depois de descompor a memoria da irmã e de dar ao diabo a idéa que ella tivera de lhe enviar aquelle *fardo*, voltou-se para o creado que trouxera o Joaquim e disse-lhe:

—Leva esse rapaz para a cosinha e dize que lhe deem de comer, um banho, um fato velho dos meninos e roupa lavada. E depois deitem-n'o a dormir, que elle deve vir cançado. Amanhã trataremos do resto.

O creado pegou por um braço no Joaquim e levou-o adiante de si, silenciosamente.

E os anjos saiam pouco depois para a procissão, como se nada de extraordinario se tivesse passado. E as visitas foram para a janella quando a procissão passou, sem lhes causar a minima admiração o procedimento do Christo. Qualquer d'ellas, sentia que teria feito o mesmo em caso semelhante.

Na cosinha, os creados trataram o pequeno com muito mais humanidade do que o tio.

No dia seguinte o Pedro Christo chamou o sobrinho, e depois de lhe declarar que não estava resolvido a tel-o em casa, por que não sustentava vadios, disse-lhe que lhe tinha arranjado um modo de vida—marçano, e intimou-o a que nunca mais lhe apontasse á porta; depois do que, mandou-o apresentar pelo creado ao merceeiro, ao qual pedira para o admittir.

O Joaquim, depois do almoço, preparava-se já para seguir o creado, quando se abriu repentinamente uma porta e entrou uma encantadora creança de oito annos. Era uma filha do Christo. A pequenita dirigiu-se a elle, cheia de curiosidade, e dependurando-se-lhe ao pescoço, disse-lhe:

—Tu é que és o priminho? Como és bonito!

correu a vel-o á cosinha, ficando encantada da mudança que n'elle se operara.

—Estás agora ainda mais bonito! disse ella ingenuamente.

Elle corou de satisfação e sentiu que daria toda a sua vida por aquella bella creança, o unico parente que não mostrava desdem por elle.

N'estas visitas fortuitas continuou elle e quando isso era impossivel, contentava-se em passar na rua e vel-a á janella, o que, de resto, não era perigoso, porque os primos não o conheciam.

Quando o Joaquim attingiu os dezoito annos, o seu namoro estava transformado em paixão. A prima tinha quatorze annos e sentia uma forte inclinação por elle.

Frequentava o estabelecimento um brasileiro, que se deu com o Joaquim e o aconselhou a que embarcasse para o Brazil e depois viesse á ilha pedir ao Christo a mão da prima.

Elle assim fez.

—Tu ainda estás muito nova, dizia elle gravemente n'uma carta á prima (porque o maganão tratava-a já por tu), portanto, tenho tempo de experimentar a fortuna.

E foi. E como Deus protege os bons de coração, no fim de quatro annos estava elle socio de uma casa commercial de secos e molhados.

E voltando triumphante á Europa, caiu como um raio em casa do Pedro Christo, estupefacto, mettendo-o a um canto com o seu tremendo chapeo do Chili, os seus aneis, a rigorosa cadeia d'ouro massiço e as suas libras, e acabou por lhe pedir a prima em casamento. Ao que o tio, maravilhado, annuiu promptamente, dizendo com um cynismo incomparavel:

—Tua mãe teve uma feliz idéa, entregando-te á minha protecção... Fiz de ti um homem!

JOSÉ MARIA DA COSTA.